

A colega de quarto

Ela estava no mesmo canto de sempre. Até criei o hábito de dar bom-dia pra ela. Todo dia era assim. Todo dia ela estava lá. Eu tinha só oito ou nove anos quando isso aconteceu. E ela...

Bem, eu não sei. Até tentei perguntar algumas vezes, entretanto ela não parece estar confortável o bastante pra compartilhar tais segredos com o colega de quarto novo. Talvez se eu der mais alguns meses, ela se abra comigo. Isto é, só se as aranhas falarem quando quiserem. É pra ela que eu confiava meus segredos mais secretos, embora ela não me desse conselhos, ela sabia ouvir bem. Quer dizer, quando eu falava, ela ficava paradinha, como se estivesse decorando cada palavra. As pernas enormes dela quase nunca se movem, pelo menos quando estou olhando. Será que estamos num jogo perpétuo de estátua?

Meu professor de ciências disse que sempre varia de espécie pra espécie, mas a minha colega de quarto, com o corpo bem pequeno e pernas muito compridas e finas, pode viver até uns três anos. A minha colega de quarto está aqui faz uns meses e ela já estava grandinha, então não consigo chutar com clareza a idade dela.

Alguns colegas não gostaram muito da ideia de eu ter uma colega de quarto diferente. Só pode ser isso. Por que outro motivo eles iam jogar aranhas mortas na minha cara? Eu não tinha amigos pra me defender, então eu só podia torcer que uma das aranhas que eles jogassem em mim não me picasse.

Saí correndo da escola naquele dia; quando cheguei no meu quarto, eu desabei na cama, chorando. Olhei pro canto de sempre, ela não estava mais lá. Olhei pro lado, lá estava ela, atrás da porta, parecia estar fazendo outra teia.

“Ter uma amiga aranha é inútil!” Eu gritei.

A aranha não disse ou fez absolutamente nada. Eu bufei, frustrado e tirei uma soneca com a cara no travesseiro. A aranha continuou lá.

No dia seguinte, quando eu acordei, a aranha não estava no canto de sempre. Procurei e procurei, não encontrei nada. Onde ela foi? Será que eu ofendi ela? Mesmo que ela nunca disse nada, ela sempre estava lá pra me ouvir, agora não tenho nem isso. Minha terapeuta sumiu. Meus pais não poderiam preencher esse buraco, porque existem confissões de todos os tipos, e as confissões que eu fazia pra aranha não poderiam ser feitas pros meus pais.

Aquela semana foi terrível. Eu continuava sendo atormentado por colegas, uma coisa que eu concordo é que pelo menos eles são criativos nas zoações. Agora também me chamam de porco, porque aranhas no quarto quer dizer que eu tenho um quarto sujo, eu acho; o que era uma afronta, já que eu prezava pela organização do meu quarto. Eu queria gritar pra meio mundo, mas o melhor ouvido de todos se foi.

No final daquela semana, olhei de novo para o canto onde ela morava, parecia uma das pernas dela. Ela voltou! Peguei uma cadeira pra me aproximar. Ela parecia estar se soltando da teia. Ela o fez, só que ao fazer caiu no chão. Desci da cadeira e me aproximei. Ela não se mexia. Estava de barriga para cima. Peguei uma régua da minha mochila e a cutuquei. Nada... Ajoelhei do lado dela, completamente devastado. Peguei um papel higiênico, recolhi minha colega de quarto e joguei ela num mato que tinha perto de casa.

Os próximos dias foram piores ainda. Não por causa da zoação dos meus colegas, com o tempo isso foi parando. Talvez porque eu não respondia mais a ela. Toda vez que tentavam, eles viam que minha expressão não mudava. Continuava melancólica e vazia. Eventualmente, eles viram que perdia a graça se eu não reagia, então me deixaram quieto. Na aula, comecei a ficar disperso, não respondia direito a o que era pedido. Até meus pais foram chamados na escola, porém, quando me perguntaram o motivo de eu estar assim, eu não disse nada. Eles iam acreditar que o meu estado estava assim porque uma aranha morreu? Eu duvido.

No final da semana, quando cheguei em casa, deitei na cama, sem muita energia. Num momento, olhei de novo para o canto onde minha velha amiga ficava. Olhei por mais tempo do que me lembro. Porém, focado demais na teia dela, percebi algo se mexendo, peguei uma cadeira e olhei mais de perto. De um ponto onde a teia era mais espessa e emaranhada, notei uma pulsação. Depois de uns segundos, começaram a sair de lá várias aranhinhas!

Elas começaram a sair aos pares e depois às dezenas, flutuando no ar, usando um único fio de teia como balão. Algumas aranhas caíram direto no chão. Rapidamente olhei em volta e, meio que sem pensar, abri a janela do quarto, deixando entrar vento. As aranhinhas começaram a rodopiar pelo ar no meu quarto, e saíram pela janela. Esse espetáculo durou alguns minutos. Quando parou, eu notei que nenhuma aranha ficou lá.

Foi bonito enquanto durou, todavia estou de volta a minha vida normal, sem amigos, sem nada. Dei uma olhada no meu quarto. Vazio, sem forma, sem vida além de mim. Observei de novo a bela obra que a minha falecida colega de quarto tinha feito. Era uma teia comum, contudo havia certa beleza nisso. Cheguei com os olhos até a teia atrás da porta. A teia que tinha lá parecia formar um rosto sorridente. Sorri em resposta. Deitei na cama, satisfeito.

Ela não estava mais aqui, mas pude sentir sua presença. Meus olhos acabaram fitando o canto oposto do quarto, onde notei algo na parede. Era uma aranha! Parecia ser um dos bebês da minha colega de quarto. Ela subiu naquele canto vazio e ficou lá parada por dias, onde pude vê-la. Inicialmente temi que ela partisse quando minha janela abrisse. Algumas vezes abri a janela, mas ela sempre ficou e, um dia, semanas depois, vi uma pequena teia se formando. Uma lágrima escorreu no meu rosto sorridente. Senti que teríamos boas conversas juntos.